

Resumo: *Próximos da Jornada Mundial da Juventude (JMJ) de 2013 e da Campanha da Fraternidade dedicada à juventude do Brasil, dirigimos nosso olhar para a juventude universitária. Um breve memória do passado dessa juventude, que marcou história no Brasil com seu protagonismo e articulação, nos impulsiona para compreendermos a importância da presença atual e atuante da Igreja nesse meio. A Universidade é um denso espaço de interrogações e desafios que inauguram um novo tempo para o jovem. Fixando o olhar em Jesus de Nazaré, Mestre, Pastor e Sábio, vislumbramos algumas características dos autênticos seguidores ou “passadores da fé” na Universidade: ser e estar nesse meio em diálogo e sempre a caminho com as perguntas existenciais nascidas da própria vida.*

Abstract: *Approaching to the 2013 World Youth Journey and to the 2013 Fraternity Campaign, dedicated to the youth in Brasil, we direct our eyes to the youth in our Universities. A brief memory of the past of this youth, who marked history in Brasil with its protagonism and articulation, helps us to understand the importance of the active presence of the Church in this surrounding. The University is a thriving space of interrogations and challenges who inaugurate a new time for the young man and woman. Fixing our eyes in Jesus of Nazareth, Teacher, Shepherd and Wise, we discern some characteristics of the true followers or transmitters of faith in the University: to be and to remain in this environment in dialogue and always on the way with the existential questions born from the bosom of life.*

A Presença da Igreja no meio universitário

*Maria Eugenia LLoris Aguado, FMVD**

* Missionária Religiosa, desde 1985, da Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD). Desde 1998, dedicou-se pastoralmente em Belo Horizonte à pastoral universitária na UFMG e na PUC- MINAS. Desde 2007, é assessora do Setor universidades da Comissão Episcopal Pastoral para a Cultura e Educação, da CNBB.



1 Um breve percurso histórico

Entre 1964 e 1968, depois de uma série de acontecimentos que acabaram com a JUC, a Igreja não trabalhou mais com a Pastoral Universitária, a não ser por meio das Instituições de Ensino Superior Católicas. No vazio que se criou, dentro de um contexto de forte repressão política, surgiram movimentos de jovens (muitas vezes de e com universitários), orientados para a problemática da juventude, numa perspectiva mais individualista e intimista, buscando contornar a questão político-social. Entre esses movimentos estavam, por exemplo, o TLC (Treinamento de Liderança Cristã), e a CVC (Comunidade de Vida Cristã).

A partir de 1973, algumas Igrejas locais começaram a organizar centros de Pastoral Universitária, com grupos de jovens universitários, geralmente na linha da Teologia da Libertação (opção pelos mais pobres), com o desenvolvimento do senso crítico e dentro de uma pastoral transformadora. As dificuldades políticas não permitiam que esse trabalho fosse muito reconhecido, mas pelo menos duas arquidioceses contavam com trabalhos articulados e reconhecidos pela Igreja local: São Paulo, com as “Comunidades Universitárias de Base”, que propositalmente assumiam um nome semelhante ao das “Comunidades Eclesiais de Base”, e Recife.

Na segunda metade da década de 70, na onda do Movimento Estudantil, multiplicaram-se os grupos de Pastoral Universitária, que nasciam espontaneamente engajados no movimento estudantil, sem vínculos ou com vínculos precários com a Igreja institucional. Em 1979, num encontro nacional clandestino, numa casa de veraneio no litoral capixaba, iniciou-se a articulação da Pastoral Universitária em nível nacional. Organizou-se em cinco regiões, com coordenadores regionais e uma coordenação nacional constituída por cinco membros, um secretário e um tesoureiro. Pela sua forte conotação política, não foi muitas vezes compreendida pelas Igrejas locais e a Conferência Nacional dos Bispos (CNBB) do Brasil, que se limitou a observar, nomeando um assessor que acompanhasse a movimentação que nascia.

Houve vários encontros nacionais, nos quais se procurou esclarecer qual era a natureza da Pastoral Universitária. Duas questões importantes dividiam os vários grupos existentes: (1) a identidade eclesial e (2) o vínculo com a hierarquia católica. Para alguns grupos, a urgência do combate à ditadura justificava uma ação onde os aspectos mais carac-



terísticos de uma experiência eclesial poderiam ser, ao menos temporariamente, deixados em segundo plano. Para outros, os gestos típicos da vivência eclesial, como os sacramentos e oração, e uma postura cultural própria da experiência católica, eram essenciais. Além disso, nas dioceses onde o apoio dos bispos tinha sido decisivo para o fortalecimento e até a proteção dos primeiros grupos, era muito clara a importância do vínculo eclesial. Já onde os grupos haviam se formado à revelia da hierarquia, havia uma forte tendência à defesa da autonomia dos grupos de universitários católicos.

O 4º. Encontro Nacional, em São Paulo, em 1984, foi importante porque se desenvolveu um conceito de Pastoral Universitária Pluralista, dentro da qual podiam coexistir as diferentes expressões ou iniciativas. Naquele momento, três tendências haviam se formado entre os grupos de universitários. Uma tendência, ligada ao movimento internacional JECI-MIEC, defendia a vinculação conceitual à Teologia da Libertação, e a formação de um movimento relativamente independente da hierarquia eclesiástica, formando o Movimento Cristão de Universitários (MCU). Uma segunda tendência, representada pelas Comunidades Universitárias de Base (CUBs), de São Paulo, se vinculou principalmente ao magistério de João Paulo II, acabando por incorporar-se ao movimento internacional “Comunhão e Libertação” (CL). A terceira tendência, representada por vários grupos menores, tendia a manter os vínculos com a hierarquia local, por meio de assessores nomeados pelos bispos, e ter uma formação doutrinal mais eclética, dependente das opções pastorais e eclesiais assumidas pelas dioceses. Na Carta de Betânia (documento conclusivo do Encontro de 1987, em Campinas), se define a pastoral nas universidades católicas e se aceita a possibilidade de que existam grupos de jovens que se articulem independentemente e não necessariamente ao serviço da pastoral da Universidade.

A segunda metade da década de 1980 viu a gradativa desestruturação da maioria dessas experiências. O MCU pouco a pouco desapareceu, as CUBs se tornaram Comunhão e Libertação, deixando de ter seu foco centrado na questão universitária, e os grupos menores – sem uma articulação que lhes desse apoio e consistência – também deixaram de existir. Mais tarde, a Renovação Carismática criou os seus Grupos de Oração universitários (GOU) e o Projeto Universidades Renovadas (PUR), que se tornaram, por muitos anos, a única ação específica de constituição de grupos de universitários católicos em nível nacional.



Durante esses anos, cunharam-se os termos de Pastoral Universitária (PU), para identificar as iniciativas que se dedicavam à organização de grupos de jovens universitários; e Pastoral da Universidade (PdU) à pastoral que era desenvolvida nas Universidades Católicas, serviço que oferece a Instituição pela sua própria identidade católica.

Vários movimentos se dedicaram, nesses anos, ao trabalho com universitários, como os Focolare, o Caminho Neocatecumenal, Comunhão e Libertação e as novas comunidades oriundas da Renovação Carismática, como a Shalom. Contudo, não têm o foco na problemática universitária que caracterizava os grupos anteriores. Ao mesmo tempo, para uma compreensão rigorosa da realidade, deve-se observar que estes movimentos não repetem a trajetória dos movimentos de jovens do período da ditadura, pois quase todos procuraram – com maior ou menor êxito – desenvolver uma reflexão sociopolítica e uma presença transformadora nos ambientes. Contudo, o ambiente pluralista de um país democrático, num horizonte cultural pós-moderno, não permitia mais os alinhamentos políticos e ideológicos fáceis que haviam fascinado os grupos de pastoral Universitária na década precedente.

Quando, em 1997, a CNBB buscou retomar a caminhada da ação evangelizadora da Igreja no meio universitário, confiada a Dom Eduardo Benes, criou-se o Setor Universidades. Percebe-se, como em 1984 (em outro contexto social e político), que esta ação evangelizadora no meio universitário acontece por meio de várias experiências diferentes. Existem os movimentos e as novas comunidades presentes no meio universitário, as paróquias universitárias, e as pastorais nas Universidades Católicas, além de iniciativas diocesanas com universitários. Com todos eles, o Setor Universidades retoma o caminho de diálogo, articulação e organização, para reavivar essa presença.

O Setor Universidades nasceu para ser um espaço abrangente e plural, de diálogo, comunicação e incentivador desta presença da Igreja no meio universitário. Atualmente abriu o espaço para a juventude, espaço ocupado por eles, exercendo o protagonismo que os caracteriza e apreendendo com eles a viver este novo tempo.



2 A juventude universitária, um novo momento na vida e na caminhada de fé

Os jovens que participaram de nossos grupos de paróquia ou pastorais da juventude, ao chegarem à Universidade, geralmente não conseguem viver e manter a sua adesão e pertença à Igreja. Isso, por falta de tempo, pela mudança de cidade ou Estado que fizeram para poder estudar, ou simplesmente porque a fé que viviam no seio familiar e nos ambientes que frequentavam não responde mais às novas questões que a realidade universitária lhes apresenta.

A fé que até agora viveram de maneira espontânea ou tradicional, e foi acompanhada na paróquia, agora enfrenta a cultura pós-moderna e é assaltada pelas dúvidas que os conhecimentos da ciência e outras visões de mundo apresentam. Com frequência a crise de sentido, de orientação e perspectiva toma conta do universitário. Crise que pode significar crescimento e amadurecimento, ou confusão e desorientação, necessitando – portanto – de um acompanhamento adequado.

A fragilidade da ação evangelizadora no meio universitário nos últimos anos e a aceitação tácita, entre grande parte dos jovens cristãos, da ruptura entre a razão e a fé, deixou um vácuo da presença da Igreja e do diálogo dela com a Universidade. Sem uma unidade eclesial explícita, as ações realizadas, desarticuladas e dispersas, não tiveram a visibilidade e a influência necessária para iluminar o caminho da maioria dos jovens universitários. O número de Instituições de Ensino Superior aumentou explosivamente¹, sendo hoje um mundo que cada vez mais nos desafia.

Muitos jovens, para ingressar na Universidade, precisam iniciar um êxodo da cidade natal para as cidades que lhe oferecem o estudo qualificado que almejam, onde poderão ser “jovens universitários”. Isto significa sair do aconchego familiar, das próprias matrizes culturais e religiosas e ser lançado em um espaço totalmente novo: a Universidade. Lugar da criticidade e pluralidade de pensamentos, da autonomia e liberdade, no qual o jovem precisa recorrer às suas convicções (se tiver) e integrar não

¹ Segundo dados disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas educacionais (INEP), o Brasil possui 2.252 IES em funcionamento. Destas 90% são instituições privadas e 10% são públicas. São dados consolidados em 2009, com base em 2008. A coleta anual dessas informações tem por referência as diretrizes gerais previstas pelo Decreto n. 6425 de abril de 2008, sobre o censo da educação superior em suas diferentes formas de organização acadêmica e categorias administrativas. É importante salientar que estão incluídas aqui todas as IES que oferecem cursos de graduação seja presencial ou à distância.



só os desafios da Universidade, mas também da mudança de endereço e costumes; o confronto intelectual, as responsabilidades com o trabalho e a sua manutenção, os custos de vida, e tudo isso com muito pouco tempo para participar de atividades extra-curriculares, entre elas a participação em atividades da Igreja ou da pastoral que eram com frequência a sua referência. A Universidade é uma nova etapa no processo de amadurecimento humano e integral. Crescer em “sabedoria e graça diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52) torna-se um desafio num ambiente marcado pelo agnosticismo e no qual as pessoas de fé são minoria.

Por tudo isso, no ambiente universitário pode se dar esse processo de amadurecimento na fé e pertença eclesial por escolha e experiência pessoal. Mas a maior dificuldade é a falta de “passadores” – como afirma Christoph Theobald,

[...] interessados não na reprodução da Igreja, de suas estruturas e normas ou vivência da moral, mas de autênticos SEGUIDORES DO CAMINHO capazes de suscitar a fé na vida, por sua maneira de ser e sua competência social. É nosso interesse gratuito e desinteressado pela vida de todos e cada um que nos valerá talvez o interesse de alguns pela “fonte” de vida que é para nós o Cristo².

3 A Pastoral Universitária e a presença da Igreja na Universidade

A Pastoral Universitária é uma dívida da Igreja para com os universitários. “Uma consistente pastoral universitária é necessária em quase todas as dioceses”³.

Certamente quando falamos de pastoral, a palavra evoca em nós essa ideia de acompanhar, doutrinar, ensinar, conduzir. Mas esquecemos que, na imagem do Bom Pastor que alimenta este conceito (Jo 10 e Sl 23), o líder não é só aquele que conduz, mas é também o Anfitrião que acolhe, que cuida, que alimenta as ovelhas.

No Salmo 23, versículo 4, passa-se da terceira à segunda pessoa: “Mesmo que caminhe por vales escuros, nada temo: Tu vais comigo,

² THEOBALD, Christoph. *O Evangelho da liberdade*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 27.

³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015*. 3. ed. Brasília: CNBB, 2011, p. 87-88, n. 117.



teu bordão e teu cajado me aquietam”. Este é nosso desafio na Pastoral Universitária: colaborar para que cada um viva e tenha essa experiência pessoal com Jesus Cristo, evocada no Documento de Aparecida.

A sabedoria e o conhecimento sempre passam pela experiência.

No Livro dos Provérbios, o Sábio, do alto de seus anos, volta-se para o ouvinte: *“Meu filho, escuta e recebe minhas palavras, e serão longos os anos da tua vida”* (Pr 4,10-14). Hoje, esta postura pode parecer inviável. Numa sociedade onde as mudanças são cada vez mais rápidas, a experiência de uma geração parece não dizer nada à outra. Mas esta é uma falsa aparência, pois o que caracteriza o sábio não são os conhecimentos aparentemente imutáveis, mas sim a capacidade de ler na experiência – seja ela qual for, apresente-se como se apresentar – os sinais do caminho de realização da pessoa humana.

A cultura atual dissolveu qualquer reflexão relativa à realização da pessoa, que se identifica cada vez mais com a satisfação imediata, o poder e a posse. O jovem, despojado de um horizonte de significado que lhe pareça adequado, se orienta em função de cada vivência pontual e momentânea que faz.

Por isso, uma evangelização preocupada em passar conteúdos, normas e formalidades, não atinge o jovem, se não responde à sua realidade e à sua necessidade pessoal. Esses conceitos e conhecimentos não atingem nossas vidas, não se convertem em opções e atitudes de vida, se não refletem essa sabedoria que é capaz de ligar o momento presente, o aqui e o agora, com o horizonte da realização plena da pessoa, fazendo com que “um gosto de Vida Nova” já se faça sentir no momento presente.

Vivemos numa época de poucas seguranças, também na Universidade. Questionamos como é possível à Universidade hoje, no meio de tanta fluidez, falar com consistência, com autoridade. Na carta aos Colossenses, afirma-se que Jesus Cristo é a consistência de tudo o criado. *“Nele tudo tem a própria consistência”* (Cl 1,17); ou em (Cl 2,3): *“Nele se encerram todos os tesouros do saber e do conhecimento”*.

O que a Palavra de Deus diz à Universidade é que ela seja lugar de universalização do conhecimento. Nessa carta, o autor fala dos distintos níveis da criação (majestades, dominações, autoridades, potestades) porque está falando a uma cultura grega que os conhece bem.

A Igreja conhecia a cultura na qual estava e, por isso, falava sua linguagem e mostrava a consistência de Jesus Cristo, que é o Deus que



se fez humano, a humanidade divinizada. A questão é que a comunidade cristã não conhece mais a cultura da Universidade, apesar de estar imersa nessa cultura. A Universidade é o lugar do diálogo e do embate entre as várias antropologias do mundo pós-moderno, tanto laicas quanto cristãs. Mas, se não existe um conhecimento do ser humano, tanto a nível das ciências e da filosofia, quanto a nível teológico, como dialogar?

As ciências têm pretensão de universalidade, mas qual é a ideologia de fundo que decide sobre quais pesquisas devem ter a precedência? Isto não é universal, não é para todos. A Universidade deveria ser o lugar de uma ciência universal, para todos, divulgada para todos. Mas não é. Uma ciência, “boa para todos”. Mas quem não questionou, depois do terremoto do Japão, a matriz energética nuclear? Não é confiança demais no ser humano querer nos defender do tsunami com os muros de contenção?

É isso que o cristianismo permite: ser para todas as pessoas, em sua integralidade⁴, penetrando na cultura e chegando à cultura. Mas se não sabemos o que é manipulado, se não sabemos dos interesses que estão por trás dos estudos, como ter uma visão crítica? Para isso, **o caminho da pastoral é abrir os olhos à realidade**. O cristianismo é para isso, ver a realidade com os olhos do Evangelho, descobrir em tudo e, em todos, os sinais do Mistério presente, que convida todos à conversão e à vida plena. Daí nasce uma visão crítica diante das injustiças e a força moral para ir contra a mentalidade dominante. A pastoral propõe que o jovem, na Universidade, perceba estes sinais do Mistério e tenha o amadurecimento intelectual necessário para desenvolvê-los como visão crítica e opção vocacional. Jesus Cristo teve a coragem de dizer: “*Eu vos asseguro*” com a autoridade que vinha de dentro: “*Ele fala como quem tem autoridade*” (cf Mc 1,22). Autoridade que não vinha da Lei, mas da Vida.

O universitário cristão precisa saber de onde vêm, e quais são, as raízes e as razões da sua fé, da sua origem cristã. O que muitas vezes nos falta. Conhecer também muito bem o que estuda, para produzir respostas que sejam para o bem de todos.

⁴ BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in veritate*. São Paulo: Loyola, 2009, p. 12, n. 8; PAULO VI. *Carta Encíclica Populorum Progressio*. São Paulo: Paulinas, 1973, p. xx, n. 42.



4 Aproximando-nos do Evangelho para compreender o papel do agente de Pastoral Universitária

“Eu vos asseguro: Aquele que não entra no redil pela porta, mas salta por outra parte, é ladrão e bandido. Aquele que entra pela porta é o pastor do rebanho. O porteiro lhe abre, as ovelhas ouvem a sua voz, ele as chama as suas pelo nome e as retira”(Jo 10,2-3).

A leitura dos textos bíblicos onde aparece a Imagem do Bom Pastor pode iluminar a caminhada de nossa pastoral. Ele, o Pastor, e nós, agentes de pastoral, os porteiros que abrem a porta. A presença da Igreja na Universidade consiste em encontrar as portas do conhecimento e da cultura por onde o Evangelho possa exalar o seu perfume.

“Quem não entra pela Porta é ladrão” (v. 2): o texto começa por uma afirmação negativa. Talvez, neste momento que vivemos, de confusão e incertezas, seja mais fácil definir o que não deve ser feito pela Pastoral:

1. *“Pular a cerca”*: desconsiderar o recinto, o lugar onde se encontram nossos interlocutores. Uma sociedade pós-moderna, que vive uma virada copernicana, fazendo do indivíduo o centro de tudo, que declarou a sua independência de Deus e da Igreja.
2. Impor sem conhecer.
3. Desejar resultados, mais do que priorizar o processo, o caminho; levar, entrar e sair, dar de comer.
4. Fugir da formação das consciências e do pensamento, deixando as ovelhas à mercê dos meios de comunicação;
5. Não *“chamar a cada uma pelo nome”* para que saiam pela Porta.

Por outro lado, sabendo que há outras, muitas outras, que *“não pertencem e não estão no redil”* (há outros pensamentos, argumentos, visões, ideologias), também é necessário dialogar e escutar a essas outras. Sonhar por fazer presente o Reino, criando espaços nos quais sentarmos à mesa e apreendermos juntos com pessoas muito diversas.

Na Universidade hoje, qual é o rebanho?

Hoje falamos de juventudes, porque são muitos os rostos. Não existe um único rebanho. É tudo tão fluido. Pode ser que nosso rebanho



seja misturado. Pode ser até que num mesmo dia nos encontremos com jovens pós-modernos, modernos, tradicionais, virtuais, de tribos diferentes. Difícil falar de uma única juventude, como de uma única cultura. Há uma grande variedade.

Qual é a Porta? Talvez os sentidos numa cultura somática, oferecendo a chave que lhes permita encontrar a fresta mais profunda do ser?

Qual é o cuidado que se deve ter para que a nossa Pastoral seja significativa? Qual a profundidade da nossa vida e convicções para que falemos com autoridade, desde dentro?

O Pastor do qual nos fala o Evangelho pede licença ao porteiro. Quem é esse porteiro ao qual Deus pede licença?

O Antigo Testamento falava de porteiros do palácio e do templo, responsáveis da segurança. A parábola dá a entender que o porteiro não deixa os ladrões entrar, mas abre sem mais ao Pastor. Pode ser uma explicação da nossa função como pastoralistas, como apóstolos, em relação ao Pastor que é Jesus Cristo. E ao mesmo tempo contém uma crítica aos porteiros que não realizam a sua função.

O porteiro é quem abre a porta para que o Pastor possa entrar. Esta é *nossa função*: **abrir as portas de acesso ao mistério**, na subjetividade das pessoas, no neoliberalismo da nossa sociedade, nas estruturas burocratizadas das nossas universidades.

Existem brechas pelas quais exalar o perfume do Evangelho. Da falta de sentido na nossa existência, na nossa sociedade que busca o lucro e o crescimento, caindo no absurdo dela mesma em ficar como refém, nos nossos pensamentos com frequência contraditórios, na nossa sensibilidade insatisfeita pela qual Deus encontra uma porta de acesso.

Todas essas fragilidades são brechas por onde podemos fazer penetrar a Boa Nova e deixar exalar seu perfume. Nosso papel é abrir essas portas para que Ele possa entrar. E é Deus mesmo quem nos pede acesso. *“Vê: Estou batendo á porta. Se alguém escuta meu chamado e abre a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo”* (Ap 3,20).

Há cristãos que têm medo de estar na Universidade porque se reconhecem pouco preparados. Mas nunca estaremos totalmente preparados, pois **nossa fé é comunitária**, não é individualista, formamos um só corpo, não precisamos estar preparados em tudo, mas ser **aqueles que formamos a rede**. Aí esta a nossa força. Buscarmos juntos, professores,



alunos, cientistas e especialistas, os caminhos da evangelização. É responsabilidade e função da Universidade, católica ou laica, a integração do conhecimento. A Pastoral contribuirá para a formação de cristãos maduros na Universidade, os quais, junto aos homens e mulheres de boa vontade, viverão em si essa integração do conhecimento.

Nas Universidades, podem ser abertas as portas de acesso da cultura para que o Pastor possa entrar. As portas que Deus não está saltando: a porta da subjetividade, da autonomia, da razão, da liberdade, porque também são valores conquistados na sociedade. Nós somos chamados a fazer com que essa subjetividade se abra ao outro, provocando o encontro consigo mesmo no rosto do outro; uma autonomia, que não rivalize com Deus, onde o humano e o divino se harmonizem; sem desprezo da razão e em total liberdade. Eu pessoalmente também não quero renunciar a esses valores conquistados.

Quando olhamos para a história dos grandes intelectuais católicos, todos tiveram que integrar em si mesmos, na sua alma, a cultura nascente e aquela na qual estavam imersos as suas convicções mais profundas. Assim, Ismael Nery⁵, por exemplo, foi tradicional no plano filosófico e teológico; moderno, no plano político e social; e ultramoderno, na arte. Assim se definiu e esse foi o esforço que viveu: integrar em si, essa diversidade. O desafio é fazermos a integração na alma. É na alma que podemos integrar os planos intelectual, artístico e religioso.

“O Pastor chama cada ovelha pelo nome”. Ajudar a fazer essa viagem na sala de aulas pela intelectualidade, mas também ajudar a que essa viagem desça da cabeça ao ser profundo de cada um, é função de professores e agentes de pastoral. Não sermos pastoral de números, mas de pessoas com rosto, criando laços, relações, onde o importante seja abrir espaços para que cada um seja, e encontremos um lugar no qual sejamos reconhecidos por aquilo que profundamente somos.

E partir de uma convicção: “*Estou batendo à porta. Se alguém escuta este chamado e abre a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo*” (Ap 3,20). Existem buscas profundas naqueles que nem são cristãos, pois não estamos mais numa sociedade católica. As portas para o acesso a Deus às vezes estão onde nós não imaginamos, e devemos ter coragem de anunciá-Lo.

⁵ SANTOS, Luciano. *O cristianismo transmoderno: fé cristã e literatura brasileira contemporânea*. 2010. Palestra proferida no Fórum do Cultura da CNBB, em Fortaleza, 2010.



5 Novos métodos e metodologia

Na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, o Papa Paulo VI, ao tratar sobre a evangelização no mundo contemporâneo, percebeu a necessidade de um novo ardor missionário, e de novos métodos:

*As condições da sociedade obrigam-nos a todos a rever os métodos, a procurar, por todos os meios ao alcance, e a escutar o modo de fazer chegar ao homem moderno a mensagem cristã, na qual somente ele poderá encontrar a resposta às suas interrogações e a força para a sua aplicação de solidariedade humana*⁶.

O Concílio Vaticano, querendo aproximar-se das “tristezas e angústias do homem contemporâneo”, provocou a ‘volta às fontes’. Hoje, as Novas Diretrizes da Igreja do Brasil traduziram este movimento de volta à origem e à centralidade do Evangelho, na expressão “a partir de Jesus Cristo”, convidando-nos a dirigir nosso olhar para a Pessoa de Jesus Cristo, que faz brotar a verdadeira missão evangelizadora.

Precisamos observar o rosto da juventude que está passando por esta época de mudança, a globalização e o mercado cada vez mais onipresente, que constantemente os desafia a estarem preparados, correndo contra o tempo, em um sem fim de possibilidades e conveniências. Eles estão, na busca de uma espiritualidade sem compromisso, leve, que lhes permita transitar no mundo fluido; usando novas linguagens e novas formas de participação, carentes de reflexão profunda mas cheios de sentimento e emoção, com perguntas às quais a sua fé não responde.

Nessas condições, somos desafiados a perceber que o processo de diálogo com a cultura e com a juventude pós-moderna e cibernética, precisa encurtar as distâncias com as mídias que conseguem, conectando o que foi desligado e separado ao longo da história: o diálogo com a juventude crítica; a espiritualidade e a ação social transformadora; e a recuperação do diálogo com a cultura e a arte, como caminho de transformação e mudança.

Hoje, nosso caminho não é mais o da dedução, nem da indução, mas da sedução. Seduzir nossos jovens para seguirem, como Jesus Cristo nos indicou, com a autoridade que vem de dentro. Como afirma

⁶ PAULO VI. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1976, p. xx, n. 3.



a carta aos Hebreus: *“Pelo sangue de Jesus, irmãos, temos livre acesso ao santuário, pelo caminho novo e vivo que inaugurou para nós através da cortina, ou seja, de seu corpo”* (Hb 10,19).

É Cristo quem abriu para nós esse caminho sempre vivo e novo, na carne e na história. Precisamos aceitar sempre mais o desafio de entrar por esses **novos caminhos e métodos por Ele mesmo abertos**: o diálogo, o caminhar juntos em busca de resposta, como Ele próprio fez com os discípulos de Emaús. Não dando respostas prontas, mas levantando as perguntas que os ajudem a dissipar as dúvidas e desconfiças que estão em nós.

Porque muitos de nossos jovens, chegando na Universidade, deixam a fé e seguem por outros caminhos? É porque a Universidade repassa só pensamentos ateus? Não será porque ela levanta perguntas que nós não fomos capazes de fazer, porque pensamos que a fé não pode ser questionada?

Precisamos seguir com dedicação sempre maior a Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida, que foi ao encontro dos discípulos de Emaús, desesperançados e cheios de dúvidas. Para eles, o sistema de verdades que tinha sido construído veio por água abaixo, quando perceberam que o seu Mestre não andava mais entre eles. Foi preciso caminhar com um estrangeiro desconhecido e, de novo, na familiaridade de uma amizade construída, reconhecer o Messias entre eles. A Universidade pode ser esse espaço de pergunta, de formação, de interpelação, de abertura ao novo, ao estrangeiro, e nesse caminho podemos mudar a rota. Voltar para a fé, a comunidade, a Igreja.

Entretanto, não é possível realizar esse caminho se previamente não deixarmos que brotem as dúvidas e até as negações, como os primeiros discípulos viveram: Pedro, Judas, Tomé. É preciso deixar que Jesus Mestre nos acompanhe, nas dúvidas e questionamentos. Jesus não teve pressa em receber respostas prontas, dos primeiros discípulos. Simplesmente os convidou: *“Vinde e vede”*. E eles mesmos se deixaram tocar pela vida de Jesus, *“ficando com ele, naquele dia”* (Jo 1,35ss). Jesus Cristo nos ensina a ser mestres, professores, educadores, com liberdade intelectual e de escolha, na busca da verdade, e a caminho, sempre a caminho.

“Estando a caminho, chegou alguém correndo e lhe fez uma pergunta” (Mc 10,7).



“Estando a caminho”: o texto nos relembra que jovem é um ser humano em devir, está a caminho, em formação, está se construindo. A Universidade é destinada à formação intelectual. **A Pastoral Universitária quer contribuir nessa formação, para que seja uma formação universal, abrangente, ampla, humana.** Quer formar um Novo Humanismo arraigado no Evangelho, em contraste com a mentalidade instrumental e funcionalista dos nossos tempos, e quer fazê-lo a caminho, caminhando com aqueles que elegem a Universidade para crescer. Porque a integração do saber na pessoa acontece no dinamismo do diálogo, no aconchego e no confronto da amizade.

“É bom não esquecer que também a razão, na sua busca, tem necessidade de ser apoiada por um diálogo confiante e uma amizade sincera (...) Os filósofos antigos punham a amizade como um dos contextos mais adequados para o reto filosofar”⁷.

E assim é que o jovem rico chegou a Jesus, filosofando, com perguntas existenciais: “Que tenho que fazer para ser feliz? Onde está a felicidade?”. Ele fez a pergunta “*a caminho*”, como é próprio do jovem, espontâneo, arriscado, sem pensar nas consequências. O jovem não queria saber de normas, de leis. Isso já conhecia desde a juventude, e hoje não falta informação. Mas não seguiu, não quis vender tudo para ganhar o tesouro futuro. “*A essas palavras ele franziu a testa, ficou acabrunhado – falam outras traduções – e retirou-se triste, pois tinha muitos bens*”. E Jesus não o julgou, olhou-o com carinho.

Jesus não o condenou, diante da sua negativa, da sua ‘não participação’, não o condenou, mas falou para os seus discípulos, para os seus “agentes de pastoral”: “*Como é difícil que um rico entre no reino dos céus!*”.

Esse questionamento, Jesus ainda hoje lança à Igreja, aos “seus”. A dificuldade, para alguns jovens, de participação, é pelo “jeito dela ser”? Ou somos nós que não abrimos ainda suficientes espaços, que nem sempre estamos do lado deles, deixando se expressarem, para manifestar as suas opiniões? Eles estão no espaço da internet, nos lugares onde podem agir, inter-agir, reagir, falar, participar. O jovem busca felicidade, e nós agentes de pastoral, “pastores”, o que buscamos? Projetos? Reuniões? Reflexões? As nossas reflexões respondem às perguntas dos jovens? Talvez esteja-

⁷ JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. São Paulo: Paulus, 1998, p. xx, n. 33.



mos querendo responder a perguntas que eles não têm e dando respostas, quando o que desejam é que continuemos caminhando juntos.

Qual é a nossa riqueza? Onde está o jovem, na nossa pastoral, na nossa Igreja? Porque não segue? A juventude está nos questionando com a sua não participação.

Conclusão

Os desafios da pastoral universitária, ou da ação evangelizadora no meio universitário:

- a) Integrar a reflexão acadêmica com a fé vivida e comprometida;
- b) Envolver nessa reflexão professores e alunos;
- c) Acompanhar a comunidade acadêmica, para que a formação recebida seja integral e possa seguir o crescimento intelectual e espiritual de cada membro (professor, aluno ou colaborador), fomentando a acolhida, o acompanhamento pessoal, a escuta;
- d) Estabelecer a parceria com a Pastoral da Cultura, pois a evangelização sempre acontece na cultura, de modo a encontrar as brechas, a linguagem e os métodos próprios para a evangelização nos nossos dias.

Talvez alguns leitores esperassem encontrar neste artigo respostas prontas a suas perguntas e, ao invés disso, encontraram novos questionamentos. Ou então, sentiram-se provocados a buscar com mais afinco pelas respostas. Se assim for, este artigo terá alcançado a sua intenção, pois esta tem sido a minha experiência:

Percebo que não tenho respostas para a pastoral, tenho paixão por Cristo, por quem hoje estou aqui, a caminho, abrindo as portas da minha vida para que em toda circunstância Ele possa entrar. Desço cada dia na minha alma buscando a integração das minhas culturas, a ocidental e europeia, racional, ateia e questionadora; e o ser sensível e simples que apreendi e desenvolvi no Brasil. Junto à juventude universitária brasileira que tanto me ensina, persigo a meta: ver se algum dia alcanço refletir o Cristo (cf. Fl 3,12-14) no meu ser ‘trans-pós-moderno’.



Referências

BENTO XVI. *Carta Encíclica Caritas in veritate*. São Paulo: Loyola, 2009.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015*. 3. ed. Brasília: CNBB, 2011. (Documentos da CNBB, 94).

JOÃO PAULO II. *Carta Encíclica Fides et Ratio*. São Paulo: Paulus, 1998.

PAULO VI. *Carta Encíclica Populorum Progressio*. São Paulo: Paulinas, 1973.

_____. *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1976.

SANTOS, Luciano. *O cristianismo transmoderno: fé cristã e literatura brasileira contemporânea*. 2010. Palestra proferida no Fórum do Cultura da CNBB, em Fortaleza, 2010.

THEOBALD, Cristoph. *O Evangelho de liberdade*. São Paulo: Loyola, 2009.

Endereço da autora:

Fraternidade Missionária Verbum Dei
Rua Guajajaras, 65 – apto. 502
30180-100 Belo Horizonte, MG
gennilloris@hotmail.com
universidades@cnbb.org.br